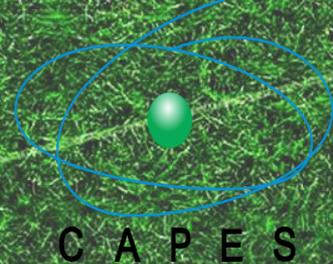




UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES



**MINI-CURSO**  
**FUTEBOL E LITERATURA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA:**  
**APROXIMAÇÕES ENTRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA E AS**  
**ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS PARA O**  
**ENSINO MÉDIO**

Professora Ministrante: Laís Castro  
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros



# PRÉ-JOGO



# PONTEPÉ INICIAL



## OBJETIVOS GERAIS DO MINICURSO:

- Refletir sobre o ensino do futebol na escola e suas aproximações e distanciamentos com as recomendações das Orientações Curriculares Nacionais para Ensino Médio (OCNEM) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S).
- Propor a recepção de crônicas esportivas na aula de Educação Física como uma alternativa transdisciplinar para a estruturação do fazer docente nesta disciplina.

# TROCA DE PASSES



## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir sobre os tipos de abordagem do futebol no ensino médio;
- Analisar possíveis aproximações e distanciamentos entre as práticas pedagógicas para ensino do futebol na escola e as recomendações das OCNEM e PCN'S;
- Conhecer a estratégia de sequencia básica para a leitura de textos literários e articulá-la com práticas pedagógicas para o ensino do futebol
- Desenvolver uma sequencia básica a ser utilizada na aula de educação física a partir de crônicas esportivas de José Lins do Rego na obra “Flamengo é puro amor” (REGO, 2013).

# SOBRE VACAS, PORCOS E BOLAS...



Eu havia acabado de me mudar de Minas para o Rio de Janeiro, ano de 1945. Caipira, desconhecia as regras da sociabilidade da capital. Foi então que um colega do curso de admissão chegou-se a mim sorrindo e, num gesto de amizade me disse: “Eu sou flu. E você?” Fiquei abobalhado. Ele era “flu”. “Flu” deveria ser uma coisa muito importante, ao ponto de ele me confessar ser “flu”. Mas eu não sabia o que era “flu”. Diante do meu silêncio ele se dirigiu a um outro colega e lhe disse a mesma coisa. “Eu sou flu...”, ele repetiu. “Eu sou ‘mengo’, o outro respondeu. Iniciavam-se assim as relações sociais não com a troca de cartões de visita mas com a troca de nomes de times. Eu não tinha nome a dizer. Portanto não existia...

Contaram-me de um palmeirense roxo que odiava o Corinthians. Já velho, na cama, em agonia, aguardava o apito do Grande Juiz que o expulsaria de campo. Chamou o filho e com voz trêmula lhe disse: “Filho, estou morrendo... Quero que você faça a minha última vontade. Vá lá no Corinthians e inscreva-me como torcedor...” O filho achou que o velho já estava tendo alucinações, estava mais pra lá que pra cá. Argumentou. Mas o pai foi irredutível. O filho fez, então, a vontade do pai. Voltou com a carteirinha de torcedor do Corinthians. O velho, vendo o seu rosto na carteirinha, sorriu um sorriso angelical e disse: “Oh, a suprema alegria de ver mais um corintiano morrer...” Ditas essas palavras, entregou a alma.

Essa minha indiferença ao futebol, exceto quando o Brasil está jogando, tem sido causa de muitos embaraços e cheguei mesmo a levar esse problema à minha psicanalista. “Por que é que todo mundo se entusiasma com futebol e eu não me entusiasmo?” Ela me sugeriu que, com certeza, deveria haver algum trauma infantil não resolvido no início dessa perturbação. Sugeriu-me entregar-me às associações livres, que eu me deixasse levar pelas minhas memórias da mesma forma como os urubus se deixam levar pelo vento. Voei. E eis que, de repente, uma cena esquecida me apareceu. Era um campo de futebol de roça, um pastinho. Dois times estavam jogando. Meu irmão me levava até aquele lugar. Eu nada entendia do que estava acontecendo, todos aqueles homens em calções correndo para chutar uma bola.

# SOBRE VACAS, PORCOS E BOLAS...



Tudo estava acontecendo sem maiores percalços quando, de repente, veio pela estrada de terra um cavaleiro conduzindo uma vaca. A vaca, vendo aquele alvoroço, a bola que era chutada pra lá e chutada pra cá, resolveu entrar no jogo, arremeteu contra a bola, cabeça abaixada como os touros na arena. Os jogadores e o juiz fugiram espavoridos. Muitos subiram em árvores. Eu, menino pequeno, não conseguiria subir numa. Meu irmão, pra me salvar, arrastou-me para um chiqueiro cheio de porcos e colocou-me lá dentro. Ele ficou de pé na segunda tábuca do chiqueiro apreciando, de uma posição segura, o desenrolar do futebol bovino.

A vaca, não contente em chifrar a bola, dispunha-se a chifrar tudo o que se movesse. Mas eu, dentro do chiqueiro, nada via, a não ser aqueles porcos peludos que grunhiam grunhidos que eu desconhecia. Fiquei com muito medo. Minha analista, comovida com o meu relato, concluiu que minha indiferença ao futebol se devia a essa experiência em que o jogo aparece ligado a uma vaca desembestada e a porcos mal cheirosos. Concordei. Minha primeira experiência com o futebol foi traumática: bovina e suína. E não é raro que uma partida termine em tourada e seja ocasião para a manifestação do espírito de porco...

ALVES, Rubem. **O futebol levado a riso: lições do bobo da corte.** Verus Editora, 2011.

# BATE BOLA COM O TEXTO

Quais personagens  
lhe chamaram mais  
atenção? Por que?  
Os contextos  
trazidos pelo texto  
lhe remetem a  
alguma memória?



As características  
dos personagens  
do texto se  
relacionam com as  
dos seus alunos ou  
com situações de  
aula?



Seria possível propor  
desfechos que  
levassem o  
personagem principal  
a um encontro menos  
traumático com o  
futebol?



# BATE BOLA TEXTO ↔ AULA



Sob quais perspectivas o futebol é trabalhado nas escolas?

Nossas aulas fazem sentido para nossos alunos?

O futebol que trabalhamos na escola contribui para a igualdade e inclusão ou segrega e hierarquiza?

Nossas estratégias despertam o prazer ou perpetuam a aversão pelo jogo?

Como lidamos com a resistência dos nossos alunos?

Nossa ação pedagógica reafirma estereótipos ou consolida nosso espaço?

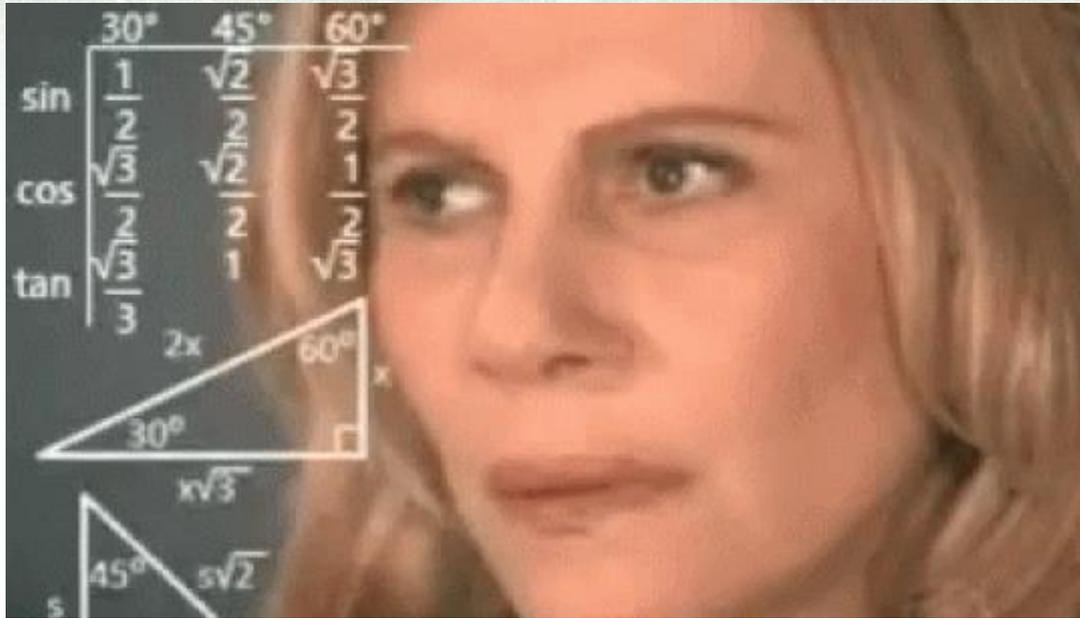
# REMEMORANDO...



Para boa parte das pessoas que frequentaram a escola, a lembrança das aulas de Educação Física é marcante: para alguns, uma experiência prazerosa, de sucesso, de muitas vitórias; para outros, uma memória amarga, de sensação de incompetência, de falta de jeito, de medo de errar... (BRASIL, 1997. p.15)



# POR QUE A AULA É ASSIM?



- Educação Física Escolar vinculada ao exército e a classe médica;
- Higienismo, eugenia, disciplinarização e condicionamento do corpo.

- Pressupostos teóricos: biofisiológico e positivismo;
- Forma de trabalho homogênea a partir de manuais.



- Rui Barbosa (1882) Decreto n. 7.247, de 19 de abril de 1879 da Instrução Pública.
- Inclusão da ginástica nas escolas;
- Equiparação dos professores; de ginástica aos das outras disciplinas

- ESCOLA-NOVA (1929): sistematizações científicas da Educação Física;
- Adoção de modelos europeus;

- Constituição de 1937: inclusão como prática obrigatória no currículo (adestramento);
- Mudança na conjuntura econômica e política;
- Novas atribuições para Educação Física: cooperação e coletividade.

- 1960: LDB, tecnicismo e esportivização;
- 1970: militarismo e integração nacional, nacionalismo, futebol.

1980: fracassos esportivos, mudança de paradigma, novas tendências.

1990 até hoje:  
**MULTIDIMENSIONALIDADE**

# NOVAS PERSPECTIVAS



(Baseado em, BRASIL, 1997)

# IDENTIDADE: EDUCAÇÃO FÍSICA COMO COMPONENTE CURRICULAR



Os saberes tratados na Educação Física nos remetem justamente a pensar que existe uma variedade de formas de apreender e intervir na realidade social que deve ser valorizada na escola numa perspectiva mais ampliada de formação. (BRASIL b, 2006. p 219-220)

O processo de ensino e aprendizagem em Educação Física, portanto, não se restringe ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas sim de capacitar o indivíduo a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada. (BRASIL a, 1997. p. 27)



# ESCALANDO O TIME: OS SUJEITOS DO ENSINO MÉDIO E O FUTEBOL



# ESCALANDO O TIME: OS SUJEITOS DO ENSINO MÉDIO E O FUTEBOL



Mais que alunos e jovens, eles constroem suas subjetividades e identidades a partir de condições de pertencimento [...] Essas condições de pertencimento, por sua vez, também ajudam na construção desses alunos como sujeitos socioculturais, o que nos permite dizer que não há juventude, mas sim juventudes. (BRASIL b, 2006 p.220)

[...] tendo mais ou menos conhecimentos, vivido muitas ou poucas situações de desafios corporais, para os alunos a escola configura-se como um espaço diferenciado, onde terão que ressignificar seus movimentos e atribuir-lhes novos sentidos, além de realizar novas aprendizagens (BRASIL a, 1997. p. 45)

# O FUTEBOL NO ESPAÇO SOCIOCULTURAL DA ESCOLA



... cada espaço e cada tempo na escola constituem uma linguagem a dizer às pessoas/sujeitos ali presentes o que elas devem ser e fazer.  
(BRASIL, 2006 p.219)



O QUE O QUE NOSSAS  
ESCOLAS DIZEM AO  
NOSSOS ALUNOS POR  
INTERMÉDIO DO  
FUTEBOL

# FUTEBOL NA AULA... COMO É O SEU JOGO?



...A escolha de conteúdos sem uma reflexão coletiva sobre suas contribuições para a formação das pessoas não tem sentido para a educação escolarizada. (BRASIL, 2006 p.228)

# PARA JOGAR BONITO ESCOLA



[...]introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo (BETTI, M; ZULIANI 2009. p.75).



# FUTEBOL E LITERATURA: UMA JOGADA DE CRAQUE



[...]A leitura da realidade pelas práticas corporais permite fazer com que essas se tornem “chaves de leitura do mundo”. (BRASIL, 2006 p.218)

[...]a literatura possui a função de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores e formas intensamente humanas. (COSSON, 2014 p. 13).



# JOSÉ LINS DO REGO E O FUTEBOL



## JOSÉ LINS DO REGO

- Torcedor;
- Sócio;
- Dirigente de clube;
- Cronista esportivo.

## A CRÔNICA DE JOSÉ LINS

- Escrita simples;
- Percepção ampliada do futebol
- Multiplicidade de interrelações do Jogo.

A obra literária, além de antecipar experiências, faz com que o leitor rememore fatos já ocorridos em sua vida. (JAUSS, 1994)



# A SEQUÊNCIA BÁSICA DE LEITURA LITERÁRIA



MOTIVAÇÃO



INTRODUÇÃO



LEITURA



INTERPRETAÇÃO

# TREINO DURO JOGO FÁCIL

## O FLA x FLU EM RECIFE<sup>56</sup>

A GRANDE PARADA ESPORTIVA dos gramados cariocas vai ao Recife para uma demonstração de gala.

E, assim, Flamengo e Fluminense vão se encontrar em terras pernambucanas numa partida que, ao certo, contentará os numerosos fãs dos dois clubes.

Mais uma vez o futebol se transforma num elemento de ligação, de alegria e festa para o povo. Os promotores do encontro de domingo foram felizes na iniciativa, que terminará em sucesso. E assim teremos em Recife o duelo das duas mais simpáticas torcidas do Brasil. O Flamengo é o clube do povo de Pernambuco como é do povo carioca. Mas contará desta vez o Fluminense com as simpatias de grandes correntes de fãs, porque com ele irão até lá os dois craques mais populares em Recife, o Ademir do Esporte Clube, e o Orlando do Clube Náutico Capibaribe.

Mas, apesar de tudo, o Flamengo será o favorito das massas.

(10/7/1947)

## O CRONISTA, AS BORBOLETAS E OS URUBUS<sup>8</sup>

FUI HOJE PELA MANHÃ, em caminhada a pé, até o estádio do Flamengo, com o intuito de assistir ao treino do rubro-negro. A manhã era toda de uma festa de luz sobre as águas, os morros. Alguns barcos ainda se encontravam na lagoa, e os pássaros do arvoredo da ilha do Piraquê cantavam com alegria de primavera.

Tudo estava muito bonito, e o cronista descuidado e lírico começou a caminhada para gozar um pedaço desta maravilhosa cidade do Rio de Janeiro. E com esse propósito, de camisa aberta ao peito, procurou descobrir as borboletas azuis do seu caro Casimiro de Abreu.

Mas, em vez das lindíssimas borboletas, o cronista foi encontrando soturnos urubus, a passearem, a passo banzeiro, por cima do lixo, das imundices, dos animais mortos, de toda a podridão que a prefeitura vai deixando ali, por detrás dos muros do Jôquei Clube. Fedia tanto o caminho que o pobre cronista, homem de noventa quilos, teve de correr para fugir o mais depressa possível daquele cenário nauseabundo.

A manhã era linda, e o sol, apesar de tudo, brilhava sobre o lixo, indiferente a todo aquele relaxamento dos homens.

(5/5/1945)



*E ver rolar a pelota nos  
pés de um moleque  
É ver o próprio tempo  
num relance  
E sorrir por dentro*

*CHICO BUARQUE*

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- ALVES, Rubem. **O futebol levado a riso: lições do bobo da corte**. Verus Editora, 2011.
- BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: educação física. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- \_\_\_\_\_ . Ministério da Educação. Orientações Curriculares Nacionais. Brasília, 2006.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática / Rildo Cosson**. – 2. ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994
- METODOLOGIA, DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Coletivo de autores. 1992
- REGO, José Lins do. **Flamengo é puro amor: 11 crônicas escolhidas**. Seleção, introdução e notas de Marcos Castro. – 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- RODRIGUES, N. Mário Filho, o criador de multidões. In: MARON FILHO, O.; FERREIRA, R. (Orgs.). **Fla-Flu... e as multidões despertaram**. Rio de Janeiro: Europa, 1987. p. 136-138.

OBRIGADA!

Contato: [laixscastro@yahoo.com.br](mailto:laixscastro@yahoo.com.br)

